

## As revoluções do mundo árabe e sua perspectiva

O mundo árabe conhece uma onda revolucionária cristalizada, no momento, na reivindicação democrática. Neles mesmos, e ainda mais no contexto internacional aberto pela crise de 2008-2009, estes eventos têm uma grande importância histórica. Os proletários da Tunísia, do Egito, assim com seus irmãos de classe dos outros países da zona merecem o mais firme apoio dos revolucionários pelos seus combates atuais, garantias de seus combates de amanhã.

O modo de produção capitalista, como demonstrado repetidamente em suas crises, é incapaz de assegurar de maneira durável nem mesmo uma vida decente à classe produtiva moderna, o proletariado, ou às classes médias que ele arrasta em sua crise. Já aconteceram desmoronamentos econômicos no nível de países ou regiões do mundo, ainda virão outros mais graves no próprio coração das metrópoles capitalistas e também nas zonas onde a acumulação do capital continua caminhando rapidamente e modificando, ao mesmo tempo, as relações entre as classes. Nessas circunstâncias, os exemplos tunisianos e egípcios estão entre os primeiros episódios dos combates decisivos que o proletariado mundial terá que travar.

Os efeitos da crise internacional, a insuportável alta dos produtos de primeira necessidade, o elevado desemprego endêmico (que se encontra em todo o mundo árabe) estão entre os fatores que impelem necessariamente o proletariado a se mobilizar para defender seus interesses de classe. Como na Argentina em 2001, é a rua que desempenha um papel decisivo na destituição dos dirigentes do poder.

Contrariamente aos “motins da fome” dos anos 1980, a revolução tunisiana é um dos primeiros acontecimentos depois da crise de 2008-2009 que ataca diretamente o poder político, em que uma das consequências poderia ser a aparição de uma república democrática. A primeira consequência internacional dela é o movimento egípcio, que reivindica diretamente o exemplo tunisiano, exigindo e obtendo a destituição de Mubarak. Ora, a república democrática é “último campo de batalha” (Engels) sobre o qual se deve desenrolar o combate decisivo entre a burguesia e o proletariado<sup>1</sup>. Em outras palavras, é o terreno sobre o qual o confronto entre as classes pode se purificar cada vez mais. Cabe ao proletariado levar essa democracia até o ponto em que ela desmascara sua hipocrisia intrínseca, põe a nu seu caráter íntimo: a dominação do capital sobre o trabalho. A república democrática, a forma política em que se exerce a dominação do conjunto da burguesia (incluindo a propriedade fundiária), a forma mais elevada de Estado sob a qual somente pode ser levado até o fim o combate decisivo, é, portanto, uma condição necessária para a vitória do proletariado. Na história, várias revoluções burguesas não puderam atingir essa forma de Estado. Se em certos casos, essa passagem à república democrática é uma

---

<sup>1</sup> “Marx e eu, há quarenta anos, repetimos até a exaustão que para nós a república democrática é a única forma política na qual a luta entre a classe operária e a classe capitalista pode inicialmente universalizar-se e, depois, culminar na vitória decisiva do proletariado.” (Engels, 6/02/1892, Resposta ao Honrável Giovanni Bovio).

questão, como dizia Engels, que se resolve numa manhã (na Inglaterra, na Bélgica, nos Países-Baixos, na Espanha, para ficar somente na Europa), em muitos outros casos ela se mantém como um formidável trampolim para cumprir sua missão histórica e na qual o proletariado deve estar na vanguarda da luta (é o caso, por exemplo, da China, do Egito, da Tunísia, etc.).

Para que as burguesias da Tunísia e do Egito possam instaurar essa forma de Estado sem serem atropeladas pelo proletariado, elas devem: criar partidos políticos que representem as diferentes frações da burguesia e das classes médias, e partidos operários burgueses para representarem o proletariado; implantar um sistema eleitoral em que a fraude seja no geral excluída; depurar os postos-chave da administração e das empresas dependentes do poder do Estado, dedicar-se à adesão das forças armadas, das classes médias e, em particular, as que estão ligadas ao Estado. Para tanto, a condição é que elas consigam degolar o proletariado e, portanto, estabilizar/normalizar a revolução para fazê-la entrar no leito da república democrática (este é o princípio da "transição democrática" que foi seguido na Espanha, na Grécia, no Chile e no resto da América Latina, na África do Sul, na Alemanha (leste-oeste), na Grécia, etc.).

Mas o proletariado não pode esperar essa realização para conduzir a luta pela revolução proletária. Ele deve declarar, desde que tenha os meios, isto é, desde que emerja efetivamente dessa letargia histórica que já dura mais de 80 anos, a revolução em permanência. Na Tunísia e agora no Egito, a conquista da democracia já está realizada. Por sua luta, o proletariado ganhou a liberdade de expressão, de associação, de organização. Ele deve procurar criar, se ele não os implantou, organismos que poderiam ser esboços de um poder paralelo, permitindo assim a emergência de um duplo poder.

Uma condição fundamental para que ele não seja um brinquete entre as mãos das classes dominantes é a de formalizar um partido proletário (comunista) independente e oposto às demais classes, tarefa muito difícil, enquanto que, no melhor dos casos, o proletariado emergiria de um período de mais de 80 anos de contra-revolução (a última grande vaga revolucionária dos anos 1920 quebrou-se na derrota das revoluções na Alemanha, na Europa central e na China (1927), enquanto que a contra-revolução estalinista se impôs na Rússia sob a forma da doutrina do "socialismo em um só país", abrindo a via para uma acumulação do capital alucinada. Desde essa época, o proletariado não re-formalizou um partido político independente). Ao mesmo tempo, mesmo se na sua fase de recomposição ainda são incertas as modalidades de sua constituição em partido, o proletariado tira sua força de seu caráter internacional e a capacidade de desenvolver um partido internacional é uma de suas primeiras tarefas.

Nessa perspectiva, nessa gloriosa via da revolução em permanência, a escalada da potência do proletariado permite-lhe apoderar-se do poder político e exercer sua ditadura. O proletariado estrangula a república democrática antes que esta lhe decapite (é a dinâmica de fevereiro a outubro de 1917 na Rússia).

Mas antes que esse episódio aconteça – se acontecer – existem outras possibilidades:

- Inicialmente o fracasso do movimento democrático e seu esmagamento, como em 1905 na Rússia, e a manutenção do poder existente antes mesmo que se desenvolva uma expressão autônoma do proletariado.
- A variante contra-revolucionária à perspectiva da revolução em permanência acima evocada é, por exemplo, a de junho de 1848. O proletariado desarmado e desorganizado é abandonado à repressão pelo reformismo. A república democrática esmaga o proletariado. Uma continuação possível mantém uma forma de ditadura bonapartista.
- Enfim, uma forma de restauração do antigo regime (intervenção líbia e das forças que sustentaram Ben Ali no caso da Tunísia, apoio das nações imperialistas ou aparição de um novo homem forte instaurando uma ditadura militar,...) permanece possível (cf. a tentativa de golpe de estado do general Kornilov contra o governo provisório em agosto-setembro de 1917).

No coração do Mediterrâneo, o exemplo tunisiano e o egípcio aterrorizam não apenas todos os governos do mundo árabe (que presenciaram notáveis movimentos de solidariedade, como na Argélia ou na Jordânia), mas além deles todos os estados que travaram com seu próprio proletariado uma queda de braço para abaixar os salários e desmontar os sistemas de proteção social (Espanha, Grécia, Portugal, Reino Unido..., no interior dos quais se produziram nesses últimos meses potentes movimentos de protesto).

O imperialismo americano e o europeu, conscientes do perigo de ver desenvolver-se uma expressão autônoma da classe proletária, estão prontos para desfazerem-se dos representantes mais corruptos, mas para instalar nos seus lugares governos às ordens, capazes de manter a paz social e os equilíbrios internacionais. Se o proletariado aceita as meias-medidas e fica nisso, ele será vítima da repressão e verá aumentar suas condições de exploração.

Esses eventos inscrevem-se em um curso histórico de revoluções democráticas que conheceram, nessas áreas geográficas, vários episódios. As revoluções anti-coloniais dos anos 1950 certamente permitiram uma emancipação das burguesias nacionais, depois elas foram rapidamente concluídas com a instauração de regimes autoritários e corruptos. De certa maneira, erguendo-se contra as metrópoles onde reina a democracia burguesa, as classes dominadas não podiam se prevalecer da mesma ideologia que a de seu opressor para lhe combater; por outro lado, assustada pelo espectro do proletariado revolucionário, a burguesia fortemente ligada aos interesses imperialistas não tinha capacidade revolucionária e será a pequena burguesia quem assegurará a direção destes movimentos. Por isso que elas foram frequentemente feitas em nome de um "socialismo" que era simultaneamente o signo da potência do proletariado mesmo que reduzido a uma lembrança, como meio de domesticá-lo e mobilizá-lo como massa de manobra da revolução e igualmente o signo da influência do imperialismo grande-russo soviético, testemunho da força do capitalismo travestido de uma falsa ideologia socialista. É significativo que com o início da desagregação do bloco soviético e o recuo do campo "socialista", foi o islã que se tornou ou voltou a ser em muitos lugares a ponta de lança desses movimentos, sendo o

exemplo mais notável – mas que permaneceu único – a revolução iraniana de 1979 que desembocou não em uma república democrática, mas em uma república teocrática. O que está em jogo nos movimentos de protesto de 2009 neste país é saber se as correntes políticas muçulmanas “moderadas” são capazes de assegurar uma transição para uma república democrática, com uma corrente política muçulmana que se apresentaria um pouco como o que foi a democracia cristã na Europa.

Certamente, o fator islâmico tem um peso desigual, no plano político, entre a Tunísia e o Egito; um dos desafios desses movimentos será o de ver sob qual forma política a burguesia local é capaz de assegurar uma transição para a república democrática, o que implica também ver até onde ela conseguirá opor-se aos *diktats* das grandes potências imperialistas. Em todos os casos, o papel das forças armadas foi e será decisivo.

E qual pode ser, qual deve ser o papel do proletariado?

Como dissemos, ele deve usufruir o espaço de organização que lhe é oferecido para criar seu próprio partido de classe. Esta posição sempre foi defendida pelos marxistas.

“Mas estamos de acordo sobre o fato de que o proletariado não pode conquistar o poder político sem revolução violenta a única porta que se abre para a nova sociedade. Para que no dia da decisão o proletariado esteja bastante forte para vencer (e isto, Marx e eu defendemos desde 1847), é necessário que ele crie um partido autônomo, separado de todos os outros e oposto a todos eles, um partido de classe consciente.” (Engels, esboço de uma carta a Gerson-Trier, 18 de dezembro de 1889).

Esse partido de classe não pode realmente existir e agir senão na escala internacional, mas ele não poderá surgir fora do movimento real da classe; o papel das minorias comunistas atuais, isoladamente, não pode ser suficiente. Esse partido deverá afirmar claramente que não há qualquer esperança na sociedade capitalista que só pode conduzir a crises cada vez mais violentas; que a solução ao desemprego maciço, à fome que ameaça em cada crise, só pode residir na tomada do poder político pelo proletariado, o exercício de sua ditadura, a destruição do Estado burguês, a socialização dos meios de produção e a erradicação de todo sistema de exploração.

“Para os proletários que se deixam iludir por passeatas ridículas nas ruas, por plantações de árvores da liberdade, por frases de efeito de advogados, inicialmente haverá água benta, depois injúrias, finalmente a metralhada, a miséria de sempre”. (Auguste Blanqui, 1850)

Robin Goodfellow - Fevereiro de 2011

Internet: [www.robingoodfellow.info](http://www.robingoodfellow.info)

Email: [robin.goodfellow@robingoodfellow.info](mailto:robin.goodfellow@robingoodfellow.info)